

PEQUENOS MESTRES E MESTRAS

RETRATAR INSTANTES DE VIDAS QUE SÃO TANTO

por amilton de azevedo¹

Na manhã de sexta-feira, 22 de novembro de 2024, pessoas que passavam pela Praça do Sapo, no centro de São José dos Campos, olhavam curiosas para as cinco caixas dispostas no espaço: *“olha, parecem aquelas câmeras antigas!”*. O que chamou a atenção foi o espetáculo de teatro lambe-lambe *Pequenos Mestres e Mestras*, do Grupo Teatro do Imprevisto, da programação do 38º FESTIVALE.

O teatro lambe-lambe é, em comparação com as formas mais comuns das artes da cena, uma linguagem recente. O gênero genuinamente brasileiro foi criado em 1989 pelas bonequeiras Denise de Santos e Ismine Lima. A cearense e a baiana inspiraram-se na prática dos fotógrafos ambulantes, comuns nos anos 40 a 60, que faziam seus retratos em jardins e praças, para desenvolver o estilo que se desdobra a partir das teatralidades das formas animadas.

A invenção, que de algum modo aproxima fotografia e teatro, popularizou-se e então diversos grupos e artistas de todo o Brasil – e também de outros países – exploram a técnica na construção de micronarrativas apresentadas para uma pessoa por vez. Assim, criam-se breves retratos de temas diversos, executados com técnicas variadas de manipulação, nesses catitos encontros.

Nas cinco caixas dispostas em semicírculo na Praça do Sapo, o Teatro do Imprevisto traz cinco recortes-sínteses de vidas que são verdadeiras bibliotecas: mestres e

¹ amilton de azevedo é pesquisador e crítico das artes vivas. Doutorando em artes cênicas na ECA/USP; mestre em artes da cena, especialista em direção teatral e bacharel em teatro pelo Célia Helena, onde lecionou entre 2016 e 2019. Idealizador, editor e crítico na plataforma ruína acesa (<https://ruinaacesa.com.br>), integrante do projeto arquipélago. Colabora com diversos festivais regionais, nacionais e internacionais, ministra oficinas de formação em crítica e escreveu para a Folha de S. Paulo. Membro da seção brasileira da IATC/AICT (Associação Internacional de Críticos de Teatro), em 2024 foi convidado para cobrir o Festival TransAmériques (Montreal/Canadá).

mestras da cultura popular do Vale do Ribeira são apresentados ao público a partir de fragmentos de suas histórias. *Pequenos Mestres e Mestras* é, simultaneamente, homenagem a essas existências e seus saberes e convite que atíça a curiosidade, levando as plateias a um movimento de desejar saber mais sobre elas e eles.

Antes de começar, cantorias de chegança: o cortejo do Teatro do Imprevisto fez até parar de chover; afastou a garoa e abriu o céu para o teatro de rua. Um bêbado, uma criança, um cachorro: a *santíssima trindade* dessa linguagem cênica esteve presente na Praça do Sapo e abençoou o espetáculo. Então, os retratos dessas figuras tão importantes para este território começaram a ser exibidos para o público.

Em comum a todas as caixas-teatro de *Pequenos Mestres e Mestras*, o esmero na feitura dos bonecos e cenários, cada um com sua especificidade a partir dos desejos do como contar cada história-homenagem. Nas pequenas estruturas, fundos pintados sendo trocados como os cenários dos teatros naturalistas que mudavam a cada cena, plataformas giratórias acumulando bonecos brincantes, prédios que saem do caminho pro jongo brilhar, uma casa tornada jardim de figuras, o coreto vazio que se habita para a folia; e o tanto que se transforma com sutis criações de luz, na condução da dramaturgia e suas sonoridades e nas idas e vindas de bonecos e objetos.

Também nas técnicas, possibilidades variadas: bonecos de vareta ou conduzidos pelas mãos que adentram a caixa, estando elas à mostra ou cobertas por luvas. Cada retrato é feito com traços próprios da artista ou do artista responsável por retratar instantes dessas vidas que são tanto. A maestria na cultura popular se faz em experiência, tempo e prática, de modo que pela escolha do formato do teatro lambe-lambe se impõe um tremendo desafio elaborar uma síntese à altura da história dessas pessoas cujos saberes fazem delas verdadeiras bibliotecas vivas.

Assim, *Pequenos Mestres e Mestras* traz no título um adjetivo que se refere à dimensão da artesanaria estética do teatro lambe-lambe e não ao tamanho de Lili Figureira, Zé da Viola, Ana Maria Carvalho, Kardec Gonzaga e Laudeni de Souza. E enquanto Lili e Zé já fizeram sua passagem e seus legados são celebrados, Ana, Kardec e Laudeni são homenageados em vida – um bonito gesto que deveria ser mais comum: dar flores aos vivos!

O Teatro do Imprevisto garante a presença dos mestres e mestras neste ato de memória-apresentação: suas vozes surgem em gravações em todas as caixas-teatro. Nos retratos se verifica a recorrência do vínculo entre tradição, família, oralidade e ancestralidade, considerando que em quatro dos cinco lambes podemos ver a transmissão dos conhecimentos e tecnologias daqueles que vieram antes para aqueles que estão chegando. Avós e avôs, pais e mães, filhas e filhas: um ciclo de “*começo, meio e começo*”, como disse Nêgo Bispo.

Também a presença do mundo do trabalho e suas relações muitas vezes opressoras sobre o trabalho do artista e sobre a manutenção e as práticas de manifestações culturais populares se verifica nas trajetórias dos mestres Kardec e Laudeni. A questão de gênero é de certo modo central no retrato de Ana Carvalho: por muito tempo, na maioria das formas de brincar o boi, a participação era majoritariamente – se não exclusivamente – masculina; em *Pequenos Mestres e Mestras*, uma série de bonecos de homens vão ocupando o espaço da brincadeira – até que ela chega.

Muitos dos fatos apresentados estão nas dramaturgias sonoras, entremeadas de diálogos e narrações. Outros, porém, são compartilhados nas conversas entre bonequeiros e público antes e depois da *espiada* no lambe-lambe. O Teatro do Imprevisto faz assim uma mediação inerente ao próprio trabalho, introduzindo sucintamente a história do gênero teatral e contextualizando, para além do que é visto, quem são e foram esses *Mestres e Mestras*.

Em menos de vinte ou trinta minutos é possível ver os cinco retratos. Ao mesmo tempo, permanecer na praça oferece outras camadas para a experiência: olhando de fora, se pode observar as técnicas de manipulação e, de algum modo, há um espetáculo possível de se assistir na ação de ver o(s) espetáculo(s) sendo feito(s). Com a utilização dos fones de ouvido para cada história, a ação se dá em silêncio para quem não está participando. Um silêncio atravessado pela constante curiosidade das pessoas que passam, se aproximam, comentam, perguntam, entram na fila. Tantos modos de homenagear, tantas linguagens da cultura popular: estar na rua é sempre muito. Viva os Mestres e Mestras do Vale do Paraíba!